

O GÊNERO DA CINDERELA

Michele Escoura Bueno

UNESP – Universidade Estadual Paulista / FFC – Campus de Marília.

OBJETO E OBJETIVOS:

Ao calçar seu sapatinho de cristal nas grandes telas do cinema em 1950, *Cinderela* firmou-se como um dos maiores ícones no universo infantil: a personagem representante do gênero feminino entre as crianças. Gênero é aqui entendido como um complexo marcador cultural que permeia as relações entre os indivíduos, classificando e posicionando-os entre *grupos* de oposições previamente estabelecidos: um mecanismo que posiciona os indivíduos relacionalmente entre si e num sistema sexo-gênero (RUBIN, 1975), que conecta o sexo biológico a textos sociais, lidos e reescritos a partir de códigos culturais e simbólicos preexistentes ao próprio indivíduo (SEGATO, 1993). Desse modo, busca-se compreender, por meio dos enfoques antropológicos sobre as questões de gênero, como a versão cinematográfica de Walt Disney para *Cinderela* atua na construção simbólica do gênero, reproduz valores e comportamentos socialmente estabelecidos e reitera um modelo de feminilidade a ser seguido.

METODOLOGIA:

Apesar de o conto ter sido adequado às formas narrativas particulares das grandes mídias de cultura de massa, nota-se a presença de elementos educativos que são característicos da narrativa popular. Partindo desse ponto reflete-se sobre como as imagens e condutas representadas no filme ilustram e reiteram um padrão cultural de feminilidade entre (e para) as crianças. Para tanto, caminha-se entre análises que estabelecem uma interface entre a antropologia e os estudos de gênero, e discute-se o cinema como uma *tecnologia do gênero*, a partir da abordagem foucaultiana de Teresa de Lauretis (1944).

RESULTADOS E CONCLUSÕES:

Ao demonstrar Cinderela como a *boa moça* por excelência (MENDES, 2000) – bondosa, dedicada, bela, generosa, complacente, frugal e passiva – em contraposição às suas meio-irmãs o filme entra no imaginário infantil e, mesclando entretenimento e orientação, revela às crianças as regras que estão postas na sociedade: demonstra a rígida posição de valores e comportamentos esperados para o gênero feminino e ainda as consequências do não-enquadramento nesses padrões, uma vez que as meio-irmãs ao não se adequarem no padrão da *boa moça* são punidas com a rejeição do casamento com o príncipe. *Cinderela* visto como uma tecnologia de gênero, não apenas ilustra a *boa moça*, mas também a reitera e reconstrói novos sentidos simbólicos a ela. O filme atua, portanto, como um difusor de idéias e valores, reproduzindo rígidas distinções e padrões culturais de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- LAURETIS, Teresa De: “A Tecnologia do Gênero” in: HOLLANDA, Heloisa Buarque: *Tendências e Impasses – o feminismo como crítica da cultura*, Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MENDES, Marisa B. T. *O Significado das Funções Femininas nos Contos de Perrault*. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.
- RUBIN, Gayle. “The traffic in women: notes toward a political economy of sex” in: REITER, Rayna. *Toward an anthropology of women*. New York: Monthly Press, 1975.
- SEGATO, Rita Laura. *A natureza do gênero na psicanálise e na antropologia*. In. Série Antropologia, 146. Brasília: UNB, 1993.